



SUPERBICHA EM – aventuras de uma viada em um colã

SUPERFAG IN – adventures of a faggot in a colant

Steferson Zanoni Roseiroⁱ
Universidade Federal do Espírito Santo

Nahun Thiaghor Lippaus Pires Gonçalvesⁱⁱ
Universidade Federal do Espírito Santo

Alexsandro Rodriguesⁱⁱⁱ
Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo

Este ensaio assume que a produção de imagens de sexualidades não-hetero é, em muito, paralela com a produção de imagens da heterossexualidade. Assim, com o objetivo de ampliar os possíveis modos de pensar e conceber o corpo bicha, este texto apresenta a SUPERBICHA como um personagem conceitual que atravessa a escrita, debatendo as situações de existência e de enfrentamento necessários à vida contemporânea. Escrito ao modo de desenhos animados, o ensaio apresenta o nascimento e o epílogo de uma existência viada anômala. Assim, cada seção do texto discute um dos problemas ainda em voga com o campo das sexualidades: a existência "bicha" frente ao já consagrado "gay"; as infâncias bichas e a superproteção familiar; os neofascismos e a onda de diminuição política dos corpos não-heterocentros. Por fim, aponta para o caráter de resistência dos corpos frente à máquina de guerra capitalística e para os modos de criação de afetos impensáveis.

Palavras-chave: Bicha. Infância. Imagens da sexualidade.

Abstract

This essay assumes that the production of images of non-straight sexuality is, often, parallel to the production of images of the heterosexuality itself. Therefore, with the aim of amplifying the possible ways of thinking and conceiving the fag body, this text presents the SUPERFAG as a conceptual character that crosses the writing, discussing the situations of existence and the necessary confront to the contemporary life. Written as an animation, the essay presents the birth and the epilogue of an anomaly faggot existence. Therefore, each section of the text discusses one of the problems still in vogue with the field of sexuality: the "fag" existence against the sacred "gay"; the queer childhood and the overprotecting families; the neofascism and the political wane for non-straight bodies. At last, it alludes to the resisting nature of the bodies against the capitalistic warmachine, and the ways of creation of unthinkable affects.

Keywords: Faggot. Childhood. Images of sexuality.

Enviado em: 21/03/20 - Aprovado em: 06/05/20

SuperBicha em: à procura da gay perfeita

Aos 15 anos, o bom menino gay convence seus pais a fazer sua festa de debutante. Chama todos seus amigos, principalmente suas inimigas e, como toda boa gay, o *crush* idealizado, o Fernandinho. É lógico que ele, nossa gay favorita, passou horas se arrumando, enfeitou tudo o que queria e depois desmontou mil vezes porque não poderia parecer afeminada demais. “Nada disso! Não sou afeminado!”, ele repetia mil vezes.

Seu *crush* estaria na festa e ele não podia dar pinta na frente dele.

Queria seu caso de 15 anos.

E assim a festa seguiu. Todos apurados, rindo, dançando aquela *playlist* de arromba. Ao som de *Robocop gay*, em meio a pulos e trejeitos, Fernandinho rouba a cena da festa e lasca um beijo no aniversariante. A música não para; a dança não para; o coração do bom gay também não. Nada para. De algum modo, o momento que deveria ser especial nunca acontece. Fernandinho estava lá, lindo, moreno, másculo e pronto para continuar eternamente belo ao lado do bom gay.

O problema é que, naquele momento, rodopiando em si, sobre a força das luzes da representação da boa bicha, nosso menino se descobriu um *péssimo* gay. Embaixo do globo de luz, os coleguinhas que dançavam com ele viraram tudo *boy*. Virar *boy*... lobisomem, boa bicha e bicha maldita, fazem parte do mesmo jogo de luz. As luzes da representação do sistema sexo-gênero produzem ilusões de verdade. O primeiro beijo – Fernandinho – fez algo dentro dele se abrir loucamente. Talvez fosse o cu, o ânus, os poros, o cérebro, o corpo, os afetos, o universo... Ou talvez não. Ele não se importava. Com saberes de nossa ancestralidade bicha, o novo viadinho cantava e dançava *Robocop gay*, misturando-se com uma segunda língua que lhe dizia que era para se jogar, uma vez que uma bicha, na merda, precisa compreender que:

Um: ânus é o centro erógeno universal situado além dos limites anatômicos impostos pela diferença sexual, onde os papéis e os registros aparecem como universalmente reversíveis (quem não tem um ânus?). Dois: o ânus é uma zona primordial de passividade, de um centro de excitação e de prazer que não figura na lista de pontos prescritos como orgásticos. Três: o ânus constitui um espaço de trabalho tecnológico; é uma fábrica de reelaboração do corpo contrassexual pós-humano. O trabalho do ânus não é destinado à reprodução nem está baseado numa relação romântica. Ele gera benefícios que não podem ser medidos dentro de uma economia heterocentrada. Pelo ânus, o sistema tradicional da representação sexo/gênero vai à merda (PRECIADO,

2014, p. 32).

Na merda, e espalhando merda, ele estava radiante. Literalmente.

A pele emanava pequenos feixes de luz coloridos, radiando em todos os tons do arco-íris. O globo de luz sobre sua cabeça parecia ter ofuscado 10 vezes. Ele brilhava e, com efeito, todos os *boys* olhavam para ele. Porque, de repente, estavam todos babando, cobiçando o ex bom gay que, agora, já se armava de plumas, laços, enfeites e outros adereços. A bicha, ao contaminar, produz desejos. Aí reside sua força.

De um beijo para o outro, o bom gay se transformou numa bicha louca e cobiçadíssima. E logo descobriu, a cada beijo, o poder de afeminar-se sempre mais. Naquela mesma noite, sem saber como funcionava seu poder, foram oito beijos em uma morte. Quando a festa de debutante acaba, nossa queridíssima iluminada escreveu em um espelho: AQUI JAZ O BOM GAY.

Ali, vestida para matar, a boa gay dá passagem à viada que, em outro dia, viria a se descobrir nossa heroína, a *SuperBicha*.

Para você que não entendeu nada, o bom gay não passa de uma imagem montada socialmente de forma a impor limites nas possibilidades de desejo e de criação de afetos. O bom gay é o estereótipo perfeito do que o macho alfa pode aguentar sem se afeminar. É o ser aceitável entre as figuras das sexualidades dissonantes. É o comportamento desejável a todas as sexualidades que almejam graus de inclusão social (ZAMBONI, 2016).

O bom gay, por incrível que pareça, é cogitado inclusive para papéis e personagens em filmes, seriados, novelas, livros e quadrinhos. O bom gay é, muitas vezes, o amigo da protagonista, o personagem problemático de uma história. Por vezes, na literatura e na cinematografia dissidente com as heterossexualidades, as personagens gays são aqueles que passam pelo drama de se descobrirem gays ou de encontrarem forças para viverem com sua sexualidade. O contexto escolar é atravessado na literatura e no cinema com as narrativas de descobrimento, festas, romances e aceitação. Mesmo David Levithan, em uma de suas obras menos convencionais – *Garoto encontra garoto* –, acaba por trazer à escola cheia de bichas, sapatões e a *drag-quarterback* o drama do romance adolescente gay. As imagens de sexualidade “dissonantes” são, apesar do que dizem, muito orientadas pelas regras heterossexualizadas. No limite, bom gay – quando é algo mais que um personagem comum, vivendo a vida do dia a dia – é o Alex Lightwood da Cassandra Claire que, sendo um bom super-herói, é extremamente másculo, de traços europeus, lindo, de corpo dito perfeito e quase sem trejeitos. Ou, no

máximo, é a figura de Alvo Dumbledore, o gay superpoderoso que, entretanto, nunca pôs suas relações afetivas em questão¹.

Não, o bom gay luta por seu reconhecimento. É a questão butleriana: ter sua forma de vida reconhecida, valorizada para que, de modo quase mágico, seja envolvida no panteão das outras formas de vida.

À base do reconhecimento, o bom gay não exige nada em troca além dessa aceitação alheia. Querem que lhe aceitem sem que nada mais precise ser mudado. Quer ser incluído, lembrado.

Nada mais deseja.

Ou, conforme sugere Maurizio Lazzarato (2019), falta-lhe toda a força revolucionária da transformação radical do mundo. Falta ao *bom gay* o desejo de destruição da sexualidade orientada pelo modo de produção capitalista, isto é, a heterossexualidade como norma. "O combate não se limita a uma política de 'reconhecimento' da diversidade de todos os sujeitos humanos [...]. A norma heterossexual capitalista não pode senão ser destruída" (LAZZARATO, 2019, p. 98). O reconhecimento não implica em ação, mas um modo de admiração. Por isso, seguindo a mesma lógica, o Comitê Invisível chega a destacar que estamos já muito admirados olhando para as telas, e, todavia, pouco afoitos aos enfrentamentos, às lógicas de combate. É preciso combater, enfrentar as forças que nos amarram.

Popularmente falando, a imagem do *bom gay* é o da sexualidade ainda nuclear, completamente monogâmica, eticamente cristã e religiosamente conservadora. O bom gay pode chamar atenção, no máximo, por trocar beijos entre dois corpos com genitálias semelhantes. Esse é o máximo de horror que um casal de bons gays pode provocar.

Esse tipo de cena já se insinua e se aventura confortavelmente nas telas. Mesmo no mundo da pornografia, a imagem do gay *boyzinho* ganha em disparada em relação às constituições do corpo e do modo de vida heterorregrado. Em uma busca rápida em uma das plataformas de pornografia mais acessadas na internet (*XVideos*), percebemos que os vídeos que colocam os gays como submissos, como as categorias "*straight*", "hetero", "*dominator*" e "*bear*", ultrapassam facilmente a margem dos 30 mil vídeos disponíveis para acesso, enquanto, por outro lado, categorias como "*fag*", "afeminada", "bicha" e "*faggot*" mal chegam aos mil vídeos. Apenas a categoria "*crossdresser*" chega perto do

¹ Temos noção, evidentemente, que há um movimento ganhando força para construir outras imagens de sexualidades nas telas e na literatura. A animação *Super Drags* (2018), publicada pela Netflix, é um exemplo desse movimento. Ao mesmo tempo, podemos também destacar obras não-ocidentais, onde encontramos personagens em animes, mangás, manhwas e afins que transitam entre a discussão das sexualidades e de outras questões, como o Fye em *Tsubasa Chronicles Reservoir*.

montante de vídeos dos bons gays, tendo quase 10 mil vídeos disponíveis. Curiosamente, as categorias “trans” e “travesti” estão a uma distância monstruosa dos resultados de “crossdresser”, beirando apenas os 2 mil vídeos arquivados². Ainda assim, nem juntando todas as categorias os vídeos ultrapassariam o número absurdo de 200 mil vídeos gays com a categoria “teen”.

Pela lógica do reconhecimento, bastar-nos-iam que *déssemos a ver* esses grupos para que eles fossem, de imediato, aceitos no panteão das lógicas e comportamentos das sexualidades dignas de vida. Entretanto, não é assim que as engrenagens funcionam. É preciso uma série de lutas para que os corpos possam se expandir afetivamente.

Em minutos, entre dançar e ser beijado, em sua festa de debutante, o bom gay se deu conta daquele arquétipo ridículo e de seu papel insosso ao agir como um gay como todos os outros. Ali, onde ele sonhava com Fernandinho e sua masculinidade, o bom gay descobriu seu superpoder no instante em que foi beijado. Ele, poderosíssima, descobriu poder fazer todos se apaixonarem por seu brilho e, durante a duração de um beijo, poder enxergar o futuro.

E o que ele viu, enquanto a boca de Fernandinho exigia sua sexualidade comportada, foi um duplo futuro: de um lado, viu a si mesmo namorando, casando e adotando com o homem perfeito que era seu Fernandinho; d’outro, viu-se louca, cheia de *boys*, jogando-se nas ruas e enfrentando poderosos vilões que ameaçavam destruir a Terra.

Como todo bom super-herói, o viado gastou alguns anos treinando e praticando seus superpoderes. Beijou cada boca que podia, boca homem, trans, mulher, trava, inter ou o que rolasse. Interessavam as bocas e os cus. Boca, cu e língua compõem um plano comum nos corpos que não correspondem à reprodução e ao sistema sexo-gênero. E, nestes universais, a bicha faz a festa. Ela ama brincar com bocas, cus e línguas. O problema é que nos ensinaram, assim como ensinaram a nossa heroína, que o que sai e entra em nossas bocas precisa ser racionalizado, limpado, higienizado e somente publicizado após a devida colonização da língua e dos gostos. A língua que se faz pública, nos usos de uma boa bicha, é pudica, artificial e normativa. Mas há muito ela descartou essa boa bicha. Então fez de sua língua uma grande merda. Nossa bicha heroína, lendo histórias de uma super-heroína conhecida por Guy Hocquenghem (1980), aprendeu que

² É curioso observar que o termo “crossdresser”, em uma tradução rápida, poderia ser a aproximação mais ideal da “travesti” usada por nós no Brasil. Todavia, como a rede *XVideos* parece evidenciar, o corpo “crossdresser” não engloba apenas as travestis, mas também a transição entre gêneros que dura apenas o gozo falocêntrico. Ainda que haja certas aproximações entre os dois termos, há também uma evidente distância na distribuição de vídeos que não pode ser explicada apenas pela língua, visto que o site do *XVideos* possui um largo acervo de vídeos buscados na língua portuguesa.

“o buraco de nosso cu não é nem vergonhoso nem pessoal, é público e revolucionário” (HOCQUENGHEM, 1980, p. 43).

Assim, a viada se inspirou nessa heroína tão distante e, em seguida, optou por espalhar merda na sociedade.

Quando se sentiu segura o suficiente com seus superpoderes pôde, enfim, preocupar-se com o principal: seu colã, o uniforme de guerra.

Determinada a criar seu *look*, a viada abre um site de filmes. Precisa de um colã de heroína digno para seus superpoderes. Procura em todos os sites, em todos os cartazes – o cinema não lhe dá forças. Masculinidades em demasia n’alguns casos, pele à mostra demais em outros. A viada acabou em um site pornô e lá encontrou os adereços que procurava: tiras de couro, máscaras, calcinhas, botas, tintas, maquiagem e o que mais lhe interessasse. Assim, costurando imagens de heróis, heroínas, androides e pornografia, nasceu a SuperBicha.

SuperBicha em: salvem as criancinhas!

A SuperBicha entra de supetão em um estúdio fotográfico. Já mais velha – no auge dos 40! –, gorda e levemente acabada (sinal das lutas contínuas com a babaquice alheia), dá-se conta que mal teve tempo de colocar seu colã, sua máscara de couro e seus acessórios da vez. Para ser honesto, a única parte fixa de sua fantasia era o colã. Mas naquele dia, ela não teve tempo de fazer maquiagem como deveria, então apelou para a máscara.

Estava rodando pela internet feito louca – sim, sinto muito, mas a nossa viada também é viciada em redes sociais –, quando topou com um ensaio fotográfico com crianças marcado para aquela tarde. Teve acesso às fotos porque era amiguérrima do fotógrafo. Primeiro pensou: “QUE ARRAAAAASO!” e foi já passando as fotos que tinha à mostra e já dando parabéns ao viado quando viu uma das fotos.

Uma criança *viadérrima* posando feito diva. Maravilhosa.

Ao lado, um homem com cara de quem poderia matar mil.

Certamente o pai.

Não precisou esperar 10 minutos. “Migo, socorre aqui! Um pai deu à louca!”.

Ainda bem que a SuperBicha já tinha previsto tudo. Estava lá no momento em que o pai arrancava a roupa de sereia do filho e vociferava que iria dar um jeito de transformá-lo num macho de verdade.

A SuperBicha não tinha o menor jeito com crianças. Sempre pensava nelas cheias de cacas nas fraldas e achava que a fralda durava até os 10 anos. Para piorar, acreditava piamente que cada criança nascia só para roubar a cena. E quem gostava de roubar a cena era ela, a SuperBicha! Um ultraje esse tipo de atentado contra ela!

Ainda assim, ali se lançou a viada.

“OPA, OPA, OPA! PODE PARAR AÍ, QUERIDO!”, já foi logo gritando. “Sou embaixatriz do universo das sereias e vim avisar que esse ataque de pelanca está muito retrógrado!”

O pai parou no meio do ato e soltou um palavrão qualquer. Dica infalível: se quer impedir um macho escroto de bater em alguém, banque a afeminada, afeminadíssima.

“Embaixatriz do mundo do que?”, perguntou o pai.

“Sereias, querido. Seres místicos e maravilhosos, com um rabão quilométrico e todo escorregadio, como esse que seu filho aí está usando”.

O pai, quando deu por si, bufou de ódio.

Na frente dele, a viada conseguia chamar toda a atenção necessária. Por incrível que pareça, quando apenas o pai ralhava e destruía a possibilidade de existência da criança, nenhuma das famílias nos arredores se importava. Afinal, ele era o pai. E, de algum modo, sempre atribuímos à família uma responsabilidade perfeitamente idônea. Sendo pai e levando o filho para um evento social de prestígio no lugar da mãe, pairava quase uma auréola ao redor daquela figura paterna, que estava mais para ogro e comedor de criancinhas, porque ele, indubitavelmente, devorava as existências viadas daquela criança e, com efeito, de todas as outras naquele lugar. Sobre os laços da paternidade, exibem-se os traços de um modo de cuidar das infâncias que nada mais é senão a ação de uma enorme tesoura de poda.

Nessas horas, nem o brilho apaixonante da SuperBicha funciona.

No tête-à-tête, com a onda alucinada de superproteção de uma infância pretensamente super máscula, a viada precisa fazer com que os enfrentamentos possuam uma duração mais longa que a de um beijo. Outrora, a SuperBicha já havia sido ensinada

por uma bicha *dominatrix* que lhe deixara de joelhos. Nervosa, de cinta-liga e chicote na língua, a SuperBicha recebera de presente um livro intitulado “*Os anormais*”. A SuperBicha (em)(baixa)(atriz) das sereias aprendera que:

A sexualidade da criança é o engodo por meio do qual a família sólida, afetiva, substancial e celular se constitui e ao abrigo do qual a criança foi subtraída da família. A sexualidade das crianças foi a armadilha na qual o pais caíram. É uma armadilha aparente – quero dizer, uma armadilha real, mas destinada aos pais. Ela foi um dos vetores da constituição dessa família sólida. Ela é um dos instrumentos de troca que permitiram deslocar a criança do meio de sua família para o espaço institucionalizado e normalizado da educação. [...] A sexualidade das crianças, a meu ver, diz muito menos respeito às crianças do que aos pais. Em todo caso, foi em torno dessa cama duvidosa que nasceu a família moderna, essa família moderna sexualmente irradiada e saturada, e medicamente inquieta. E essa sexualidade investida, assim constituída no interior da família, que os médicos desde o século XVIII já têm controle sobre ela (FOUCAULT, 2014, p. 234-235).

Com isso em mente, a SuperBicha olhou para o pai. O menino segurava o choro. Um pouco mais afastadas, as famílias olhavam de cara feia para a SuperBicha evidentemente. Os olhares se voltam para a SuperBicha que ousava enviadecer uma criança ou que, no mínimo, contrariava o pilar da boa família.

Outros familiares já lhe olhavam feio. Talvez avançassem sobre ela.

Ainda assim, ela testou seus limites.

Uma vez, quando criança, a SuperBicha quis muito ser professora. Professorinha, dessas que ensinam de tudo um pouco. O colã acabara lhe sendo mais tentador. Todavia, ainda tinha nos lábios o gosto pelo ensinar. Suas amigas bem sabiam! Num movimento ousado, tocou a cabeça do pai-macho-escroto com um rápido beijo na testa. Nada sexual! Seu cu ali era um buraco negro que levaria apenas a escrotice do pai. Com o toque de seus lábios, sussurrou sobre arranjos da máquina de guerra capitalística para com a sexualidade e lhe fez abrir os olhos para a força da norma e do gozo. E o pai, em práticas de liberdade, muda em um estalo. Compreendendo os efeitos desse poder sobre seu corpo e sua vida, o pai vai logo pedindo ao fotógrafo mais uma roupa de sereia. E, sereiando com o filho, entra no jogo dos afetos e esguicha água contra a máquina capitalística. A SuperBicha beija e, por conseguinte, educa. A criança e aquele pai foram contaminados com o vírus da SuperBicha, embicharam-se. Embichando e também contaminando, soltaram o verbo e o rabo.

No dia seguinte, o menino não se segurou. Mostrou a todos os coleguinhas da escola a foto com a SuperBicha embaixatriz das sereias!

SuperBicha em: por cima da burocracia

SUPERBICHAAAAAA! É HORA DE ENLOUQUECER AS CABEÇAS!

Assim toca o sinal-bicha da nossa heroína. A SuperBicha prepara seu uniforme e sai atrás do canalha da vez. Nem se surpreende quando, ao chegar ao local do chamado, encontra mais uma das suas amigas chorando diante do telefone.

A cena já lhe é familiar. Há alguns anos, vinha crescendo uma onda nauseante de heterozinhos querendo provar algum nível imaginário de testosterona ao atacar e ameaçar as bichas. Tudo bem que já tinha mais de 20 anos que a SuperBicha tinha saído da escola, mas ela achava que tinha alguma coisa errada no sentido que essa geração dava à testosterona. Tinha quase certeza que ela nada tinha a ver com babaquice.

Nem pensou no caso: viu a amiga, pediu o telefone dela por alguns instantes e pegou um *uber* até o endereço do macho escroto. Chegou, brilhou, beijou, fez o canalha implorar por mais e fez questão de filmar tudo.

“Saiba que minha amiga é mais poderosa que eu, gostosinho”, falou a SuperBicha. E prosseguiu: “Eu sou uma *ne-ga-ção* nesses negócios de tecnologia. Mas se ela sonhar que você voltou a perseguir e ameaçar alguma viada, sapata, trava ou puta, vai ser seu vídeo rolando na internet em todos os lugares!”.

Por efeito dos brilhos luminosos, o macho escroto não respondeu nada na hora. Naquele momento, ele pensava apenas com a cabeça de baixo. Assim que a bicha se afastasse, o heterozinho cairia em si.

O problema é que ele era apenas um na rede interminável de escrotos que vinham se aventurando em plena luz do dia. Desde a última eleição, o cenário tinha apenas piorado. Tinha começado com as eleições presidenciais, depois a toxicidade macho-alfa se espalhou para as eleições locais e já estava quase se tornando uma forma de cumprimentar os outros. Por isso, a SuperBicha traçou um plano bem drama de novela.

Ciente de que as canalhices não se resolveriam sozinhas e sequer dariam resultados apenas no combate aos *heterozinhos* de prontidão, a SuperBicha tratou de começar seu caminho até o topo da cadeia de babacas. Sabia, também, que jamais encontraria o *topo*, afinal, todos sabem que em um bacanau daqueles que era a política de seu país, não existia apenas *um* macho escroto que se achava dominador, mas vários. E eles sempre usavam máscaras. Encarnavam corretamente o papel de vilão com identidades secretas.

Ou talvez, como diria o Comitê Invisível (2016), a rede de poderes já se estabeleceu com tanta facilidade nas *coisas* que não precisa mais de rostos, não precisa mais de ordens. “Toda essa política pessoal morreu, e é por isso que os poucos tribunos que sobrevivem na face do globo entretêm mais do que governam” (COMITÊ INVISÍVEL, 2016, p. 99).

A lógica da sobrepujança heteromacho sobre as bichas, trans, travas, lésbicas, feministas, *intersex* e afins não é apenas realizada pelos rostos que podemos apontar, culpar e – em casos raros – criminalizar. A SuperBicha já tinha dado jeito de fazer vários deles passarem vexame; eles voltavam. “Brotavam”, como os *boys* gostavam de dizer. Antes, essa lógica cruel se estabelece nos próprios aparatos tecnológicos que tanto usamos, sejam telefones celulares ou a televisão e a distribuição imagética gratuita das boas sexualidades; seja no tamanho das ferramentas ou no formato e na capacidade das coisas que usamos. O carro é pensado para o homem tanto quanto o *app* de pegação. Ambos, inclusive, impulsionam o padrão do corpo esbelto, seja pelo poder de circulação de imagem ou pelo tamanho do assento no carro.

Na própria infraestrutura das coisas que consideramos práticas, há todo um aparato estratégico das máquinas de guerra capitalísticas que nos impelem a produzir tipos de corpos e de sexualidades mais lucrativas, mais submissas. Esquecemo-nos de todas as outras possibilidades de existência, aceitando pacatamente as propostas feitas pelos ideais capitais.

“O esquecimento [...] é o preço da paz”, sugere-nos Eduardo Galeano (GALEANO, 2013, p. 214). Esquecemos das conquistas passadas, esquecemos de lutas vivenciadas por nossos corpos – que não são apenas esses com os quais vivemos – em prol de uma narrativa política que impõe “uma paz fundada na aceitação da injustiça como normalidade cotidiana”. Não se trata de dizer, em absoluto, que nos tornamos *passivos* ao mundo, ao jogo capitalístico e às estratégias políticas. Longe disso: “Acostumaramos ao desprezo pela vida e à proibição de lembrar”, mas pelo simples fato de que a cada vez que nos lembramos ou evocamos nossas memórias coletivas, ameaçam-nos sem o menor pudor.

Na lógica do esquecimento forçado, esperam que moléstias passadas possam ser revividas sem que reajamos: a associação perversa entre o vírus HIV e as sexualidades homoafetivas; a “higienização” das raças; os processos de “cura gay”; práticas de “inquisição” às bruxas contemporâneas (umbandistas, negras, travestis). Tudo o que é pútrido tem se levantado aos poucos e se arrastado de seus caixões. Onde imaginávamos já ter vencido, somos uma vez mais surpreendidos.

Conforme anunciou Paco Vidarte (2019), tratam-nos ao modo de cachorros, mantêm-nos por perto – para sua própria segurança – e, com o tempo, aprendemos a jogar de acordo com suas regras: rolamos, latimos, abanamos o rabo, fingimos de morto, fazemos caras fofas. Todavia, essa mesma política evoca em nós algo de animalesco, de oportuno. Esgueiramo-nos furtivamente para a cama enquanto eles dormem e roubamos as cobertas; aprendemos a fazê-los gozar enquanto lambemos seus pés e roubamos comida de seus pratos, sabendo do esporro e das palmadas que se anunciam.

Nada disso nos impede.

Se esperam que nos tornemos cachorros, pois então que viremos cadelas e façamos cachorragens.

Política de cadela. Alguns intelectuais chamam isso de “pragmática suja”. Isto é, se agarrar a qualquer coisa. Não respeitar nenhuma regra. Mas eu não estou advogando por nenhuma pragmática suja. Sujo é o poder. Suja é a sua pragmática. Suja é a sua negociação. Suja é a sua concessão de direitos inalienáveis (então, por que não os tomamos?) a contagotas. Suja é a sua esperança de que nós nos comportemos como mocinhas e mocinhos no jogo político (VIDARTE, 2019, p. 82).

Aos poucos, a SuperBicha faz sua escalada aos rostos anônimos e infindáveis na trama política de neofascismo aos corpos e sexualidades. Usando seu brilho corporal, lança-se no colo de acionistas, de legisladores e dos palhaços que distribuem tão habilmente as imagens das sexualidades heteromachas. Seu corpo trabalha para chegar às festas de partidos e é preciso muito suor para agradar um e outro até conseguir passe para o próximo na cadeia intrincada de operadores das imagens das boas sexualidades.

Aprendera, há muito, ser a própria subordinação de seus corpos que rendia as finanças do poder capitalístico. Sabia que apenas assegurando as dominações de gênero, raça, cu e corpo que os poderes em voga conseguiam se manter à distância observando a morte sem fim que se instalava para todos os lados.

Cada vez que tentamos resistir à gravidade homofóbica, cada vez que lutamos contra ela, vencendo ou não, nos acusam de fazer barraco. Como quem manda um foguete ao espaço. Somos umas escandalosas, as bixisapas. Sim, mas é que a discricção e o silêncio são virtudes da gravidade homofóbica, não de quem luta contra ela (VIDARTE, 2019, p. 111).

Com a experiência do contato com as políticas de merda (COMITÊ INVISÍVEL, 2016), a SuperBicha se transformara em um desses corpos visivelmente alvos da ação

da gravidade.

Merda são lançadas sobre as viadas, sapas, travas, putas, quengas, trans, porralouca, assexuadas e tantos outros corpos engajados em rir da padronização política dos corpos. Esperam que todas elas se acostumem com o cheiro de merda. Mas não faziam isso. Ainda que a gravidade homo-trans-lesbo-queer-amorfo-travofóbica pesasse, elas faziam trampolins ou montavam em seus saltos altos.

A guerra contra os corpos e o fascismo tornavam-se os “únicos capazes de assegurar politicamente a continuação da expropriação e da espoliação” (LAZZARATO, 2019, p. 45). Eduardo Galeano (2013) e o grupo anônimo Centelha (2019) chegam a mencionar o modo como as políticas latino-americanas se embasam justamente em amedrontar a população com riscos inexistentes para que o controle sobre os corpos se exerça de modo mais difuso. Se se começava, desde o início da década de 1960, a amedrontar por efeito das mudanças políticas ocorridas em Cuba (GALEANO, 2013), hoje o risco parece surgir mais das pessoas que, de algum modo, não se adequam com todas as conformidades capitalísticas. Daí, decerto, toda a onda de ataques às viadas. E como toda a história de nosso país conta, toda vez que um grupo mais à extrema assume o poder, logo as empresas mais lucrativas se divertem com o banquete (CENTELHA, 2019). Isso aconteceu durante o golpe militar de 1964³ e vemos claramente o mesmo se repetir hoje com os incentivos fiscais aos bancos, empresas madeireiras, à Taurus etc.

Mas não nos enganemos! Se a inteligência fascista jaz justamente em localizar os riscos aos seus poderes para saber se manter em jogo, somos, evidentemente, um risco ao jogo em questão. Se somos alvos tão árdus e se fazem fiscais do cu de modo tão radical, é porque carregamos partículas explosivas que os governos atuais não conseguem conter. “A inteligência fascista atual consiste em lutar preventivamente contra o que irá emergir” (CENTELHA, 2019, p. 81). Ou seja, se tentam nos nocautear, é porque sabem que podemos reverter a gravidade ao ponto zero de atração das forças.

O bacanau político é árduo, mas se o imperativo capitalístico atual é fazer gozar (PRECIADO, 2018; LAZZARATO, 2019). A SuperBicha, certamente, estava um grau acima de todos aqueles corpos empenhados em manusear as engrenagens capitalísticas. O rastro de gozo por onde ela passava era a marca de suas conquistas. Enquanto saía de um quarto escuro para outro – e às vezes até de praças e prédios públicos –, a SuperBicha pensava em quanto tempo duraria até que aquele corpo fosse substituído por outro, até que suas chantagens ou seus poderes deixassem de ter efeito sobre mais um

³ Centelha (2019) aponta que, em 1964, ficou famoso um banquete na qual gestores de bancos famosos financiaram materialmente um grupo que cometia crimes contra a humanidade. Ao mesmo tempo, nomeia algumas empresas que “forneciam não somente condições materiais para o aparato repressivo, mas também informações sobre seus trabalhadores” (CENTELHA, 2019, p. 47).

heteromacho.

Ela investia aqui e ali, indo e voltando e fazendo os machos escrotos dizerem coisas que jamais diriam nas redes sociais. Depois, evidentemente, via-os desdizerem tudo. Mas essa era a luta que ela conseguia comprar.

A cada beijo, a cada trepada e a cada uma foto. Em ao menos uma das fotos com cada caso, ela estava por cima. “Por cima da burocracia, querido!”, era como ela respondia sempre que algum dos paspalhos lhe indagava sobre as fotos. Por cima, por baixo, de ladinho, em pé, de cabeça para baixo – a cada posição, um novo corte na lista de alucinações cultivadas pelos machos escrotos.

SuperBicha em: onde está meu uniforme?

“LOUCA-PRA-DAR, ELA ENFRENTA OS *HOMI* PARA GANHAR A VIDA E LEVA SEMPRE UM POR NOITE PARA CASA!” Gritou uma, duas, três... doze vezes. Doze colãs pavorosos em seu corpo e doze gritos. Ela estava montando seu uniforme naquela loja de departamentos mais em conta que todas nós conhecemos e vamos quando precisamos de uma rouba babadeira.

Provou mais um colã.

“LOUCA-PRA-DAR, ELA ENFRENTA OS *HOMI* PAR...”

“VINHAAAADO! SE EU OUVIR VOCÊ GRITAR ISSO DE NOVO, EU VOU DAR NA SUA CARA!”. O provador foi invadido por uma cabeça *poc* que espiava a bicha de cima abaixo. Ela não parecia ter mais de 10 anos – típica criança viada – e já chegou toda afrontosa.

“PELO AMOR, troca esse colã” – já saiu dizendo a bichinha – “Tá pa-vo-ro-so! E esse seu grito de guerra também, mana. Se vai dar em cima dos gatinhos assim, é bom que seja algo mais babadeiro. Sei lá. Algo tipo... SUPERBICHA VEIO PARA ENLOUQUECER TODAS AS CABEÇAS! AS DE CIMA E AS DE BAIXO!”.

A viada ficou pasma.

“É só uma dica. Beijos. Agora não me perturbe. E toma. Veste esse que vai ser babado!”

Assim surgiu a amizade louca entre uma maricona no auge dos seus 25 e uma *poc* da nova geração. Essa seria aquela amizade que a nossa querida SuperBicha

carregaria sempre consigo e que mais à frente faria possível criar a rede de informações mística das viadas: o Sistema Arco-Íris [disponível no Facebook]!

Sim, tudo começaria numa loja de departamentos barata.

E, para infortúnio dos heteromachos de prontidão, foi essa e outras amizades que fizeram da viada simples e beijoqueira uma SuperBicha digna de um programa de televisão.

O ser dinâmico que se confirma como o viado – e não o bom gay – assume para si e os demais o propósito de confronto, de ruptura com tudo e todos. De cabeça ereta, ele diz *não* de forma paradoxal, pois os erros cometidos por viés dos dogmas não passam de uma entre milhares de tentativas de destruição que acabam por fortalecê-lo. Assim dito, os fascismos (religiosos, políticos, educativos, midiáticos, morais, militares, econômicos etc.) não o consomem; pelo contrário, insuflam o desejo contra as amarras heteronormativas.

Ao invadir as ordens burocráticas por todos os lados, ele almeja o desejo alheio (carnal, vitalício, político, teórico, afetivo), não como forma de igualdade, mas para lacrar as iniquidades. Rompe com os paradigmas de direitos universais que equiparam todos os corpos sem considerar suas peculiaridades.

A SuperBicha expõe seu corpo em políticas de merda e sai sempre gozosa, ainda que mancando, arrebatada, cheia de hematomas. Seu corpo carrega consigo os desejos pela vida de tantos outros corpos.

Talvez por isso, ela saiba – desde o início – que seu fim esteve sempre próximo. Desde o momento que em beijou o primeiro macho escroto, viu a si mesma envolvida em uma trama política de crueldade visceral. Sabia e ainda continuou em jogo, beijando cada canalha que encontrou para poder vencê-los pelo afeto, pelo gozo, pela vida.

Seu fim está próximo, mas não será o nosso. Entre um beijo e outro, sabemos que a SuperBicha perecerá como vítima de uma bala (perdida ou encontrada) muito estrategicamente localizada, politizada em demasia. Ela sempre soube disso e nós também. Exemplos não nos faltam de colegas que lutam e morrem das mais diversas mortes (morte corpórea, política, teórica, afetiva, sorológica etc.). Mas não perecemos. Todos nós conhecemos a SuperBicha, sabemos de sua identidade secreta e, por isso mesmo, sabemos que ela cultivou em cada uma de nós um pouco de seus superpoderes.

A viadinha *poc* talvez seja a próxima SuperBicha, talvez sejamos nós, talvez sejam vocês. Quiçá, seremos todas.

Referências

CENTELHA. **Ruptura**. São Paulo: n-1 edições, 2019.

COMITÊ INVISÍVEL. **Aos nossos amigos: crise e insurreição**. Tradução de Traduções Antipáticas. São Paulo: n-1 edições, 2016.

GALEANO, E. **De pernas pro ar: a escola do mundo avesso**. Tradução de Sérgio Faraco. Porto Alegre: L&PM Editores, 2013.

FOUCAULT, F. **Os Anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

HOCQUENGHEM, G. **A contestação homossexual**. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Brasiliense, 1980.

LAZZARATO, M. **Fascismo ou revolução? O neoliberalismo em chave estratégica**. Tradução de Takashi Wakamatsu e Fernando Scheibe. São Paulo: n-1 edições, 2019.

PRECIADO, B. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas da identidade sexual**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, P. B. **Texto junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacoporonográfica**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SCHÉRER, R.; HOCQUENGHEM, G. **Coir: álbum sistemático da infância**. Tradução de Eder Amaral. Rio de Janeiro: UERJ, 2016.

VIDARTE, P. **Ética bixa: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ**. Tradução de Maria Selenir Nunes dos Santos e Pablo Cardellino Soto. São Paulo: n-1 edições, 2019.

ZAMBONI, J. **Educação bicha: uma a(na[l])rqueologia da diversidade sexual**. (Tese de doutorado). Vitória: UFES, 2016.

ⁱ Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo e professor da Rede de Ensino do município de Cariacica/ES.

ⁱⁱ Professor da Rede de Ensino de Viana/Es e mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo.

ⁱⁱⁱ Professor do Centro de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo.

Como citar esse artigo:

ROSEIRO, Steferson Zanoni; GONÇALVES, Nahun Thiaghor Lippaus Pires; RODRIGUES, Alexandro. SUPERBICHA EM – aventuras de uma viada em um colã. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria: UFSM, v. 13, n. 2, p. 34-49, mai./ago. 2020.